JL
jornal de letras, artes e ideias

Ano I n.º 21 De 8 a 21 de Dezembro de 1981 Preço 25$00 Quinzenalmente, às terças-feiras

Director José Carlos de Vasconcelos

ALMADA NEGREIROS «contado» por SARAH AFFONSO. Um texto de ANTÓNIO ALÇADA BAPTISTA ■ ANTÓNIO VICTORINO D'ALMEIDA fala de «Coca-Cola Killer» ■ JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS visto por DAVID MOURÃO-FERREIRA. Um conto inédito ■ Sete poemas de EUGÉNIO DE ANDRADE ■ No centenário de André Brun, por LUIZ FRANCISCO REBELLO ■ ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA: civilização e cultura ■ Algumas (falsas) ideias sobre a mulher portuguesa, por MOISÉS ESPÍRITO SANTO ■ Entrevistas com BALTAZAR LOPES, em Cabo Verde, e com PEPETELA, em Angola ■

Pintor, poeta, ficcionista, dramaturgo, nome destacado da geração do «Orpheu», figura sempre polémica, e quase lendária, no seu multímodo talento, Almada Negreiros é «contado», inclusive em muitos aspectos ignorados da sua vida e da sua obra, pela sua viúva, a pintora Sarah Afonso, companheira de toda sua vida, num livro (com a chancela da Arcádia) a publicar em breve. Esse livro é constituído por uma longa conversa, ou entrevista, com a sua nora, Maria José Almada Negreiros, e dele publicamos, em primeira mão, expressivos excertos e o prefácio, além de um auto-retrato inédito e fotos (incluindo a da capa deste «JL») também inéditas

As conversas com Sarah Affonso

António Alçada Baptista

É possível que, um dia, a história tenha que ser corrigida com a «pequena história» porque, no meu entender, ela é um complemento necessário da historiografia. Se os documentos, os registos públicos, as actas solenes, são um aferidor necessário das grandes linhas traçadas pelos historiadores, a «pequena história» é a evocação despreocupada do tempo, a transmissão daquela verdade a que se refere quem organizou estas conversas ao dizer que «é a verdade que resulta das coisas que são ditas sem estar a pensar na posteridade».

Almada e sua mulher, numa foto do «álbum de família»

E por isso que a oralidade transcrita tem, no contexto indispensável de refazer a estrutura do tempo, uma função que deve merecer a nossa preocupação pelo que ela tem de necessário e de insubstituível.

Sarah Affonso, além de ter sido um elemento qualificado desta geração, foi casada com Almada Negreiros que, com Fernando Pessoa, foi uma figura fulcral dessa época, uma das mais criadoras da cultura portuguesa. Não sei se outro movimento — nomeadamente o da geração de 70 — fez avançar tanto a vida cultural portuguesa em relação ao que, na Europa, culturalmente se estava a viver, do que o da chamada «geração de Orfeu» mas o que já me parece possível dizer é que nenhum outro foi capaz de orientar tão directamente a sua acção para a textura mais íntima da nossa cultura. Esse esforço, com o tempo, teve a sua recompensa porque, se outros movimentos culturais terão conseguido dar a conhecer a Portugal o que em termos de cultura então se passava na Europa, o modernismo acabou por dar a conhecer à Europa o que culturalmente se passa em Portugal.

E por isso que o conhecimento deste movimento surge como peça essencial no conhecimento de nós próprios como comunidade que se exprime em forma de cultura. Daí a necessidade de dar a conhecer todos os documentos que possam contribuir para essa tarefa.

E neste contexto que a edição facsimilada das revistas onde o modernismo se exprimiu toma um lugar de destaque. As revistas revelam-nos os esforços e as dificuldades com que se tentava uma comunicabilidade com o público e a própria pequenez das suas tiragens surge como sintoma revelador, não tanto do desinteresse ou da inaptência duma sociedade à recepção duma mensagem quanto possivelmente, da ocupação das suas áreas culturais por subprodutos que impediam a sua normal e amplificada transmissão. Hoje, a leitura dessas revistas, ao revelar-nos a medida da nossa identificação com a realidade que veiculavam, descobrem-nos, simultaneamente, a natureza e a dimensão dos obstáculos que, quase sempre, elas não conseguiram transpor.

Vêm, em segundo lugar, as obras dos principais autores do modernismo que constituem, igualmente, imprescindíveis elementos de trabalho. Felizmente em relação a Almada Negreiros, a edição das suas Obras Completas está em bom caminho.

A seguir, há que considerar os trabalhos que resultaram do estudo e da investigação dos que, aqui e no estrangeiro, se têm dedicado à tarefa de investigar este movimento. Ainda, no que diz respeito a Almada Negreiros, o estudo de José Augusto França, infelizmente esgotado — «Almada — o Português sem Mestre» —, é um trabalho indispensável não só ao estudo de Almada, mas de toda aquela época. De qualquer modo, uma história crítica de todo o movimento creio que está ainda por fazer.

Estas «Conversas com Sarah Affonso» vêm situar-se numa ainda outra área, onde, como disse, a investigação me parece preciosa: a do depoimento oral. Pena foi que o mesmo se não tivesse feito com outras personalidades a começar pelo próprio Almada Negreiros. Os meios técnicos de que hoje dispomos deviam ser aproveitados para a recolha, completa quanto possível, de recordações e memórias das principais figuras literárias e artísticas duma época, que tanto vêm esclarecer, no tempo, as circunstâncias que os movimentos culturais viveram e as dificuldades que encontraram. E o que acontece da leitura deste livro onde a personalidade de Almada Negreiros toma, naturalmente, uma posição de destaque. E possível que isso tivesse que ser assim mas o que não há dúvida é que Sarah Affonso orienta quase exclusivamente os seus depoimentos através da relação que os acontecimentos tiveram com a personalidade do grande artista e, só com alguma dificuldade, poderemos avaliá-la fora desse contexto.

A pintora Sarah Affonso, hoje, num recanto da sua casa

Porém não seria justo que esta sua humildade se virasse inteiramente contra si. E preciso não esquecer, ao lado da personalidade genial de Almada Negreiros, a riqueza humana, cultural e artística da própria Sarah Affonso, que estas «Conversas» igualmente vêm revelar. ■

Director
José Carlos de Vasconcelos

Coordenadores
Augusto Abelaira, Eduardo Prado Coelho e Fernando Assis Pacheco

Orientação artística e ilustrações
João Abel Manta

Grafismo
João Segurado, José Pinto Nogueira e Joaquim de Brito

Colaboram neste número:
Afonso Praça, Agustina Bessa Luís, Alexandre Pinheiro Torres, António Alçada Baptista, David Mourão-Ferreira, Eugénio de Andrade, Fernando Pernes, Guilherme Ismael, Irineu Garcia, João de Freitas Branco, João Rui de Sousa, Joaquim Bizarro, Joaquim Vieira, José Fernandes Fafe, José Rodrigues Miguéis, José Sesinando, Luiz Francisco Rebello, Maria João Brilhante, Maria José Almada Negreiros, Mário Jorge Torres, Miguel Esteves Cardoso, Miguel Serras Pereira, Moisés Espírito Santo, Rogério Rodrigues e Trindade Santos.

Fotografia
Joaquim Lobo e Inácio Ludgero

Redacção: Av. da Liberdade, 232 — r/c — 1200 Lisboa. Telefones: 57 45 20 / 57 45 93 / 57 46 43. Telex: 18386

Propriedade: José Carlos de Vasconcelos

Administração, Publicidade, Serviços Administrativos e Comerciais — Publicações Pròjornal, Ld.ª — Rua Rodrigues Sampaio, 52, 2.º — 1000 Lisboa. Telefones: 404 37 / 412 60 / 53 60 05.

Direcção de Administração: António Gomes da Costa, Henrique Segurado Pavão e José Silva Pinto.

Composto na Intergráfica — Publicidade e Artes Gráficas, Limitada.

Impresso na E.P.D.P. (Empresa Pública do Jornal «Diário Popular»).

Distribuição: Dijornal — Distribuidora de Livros e Periódicos, Limitada.
Rua Joaquim António de Aguiar, 64, 2.º direito — 1000 Lisboa. Telefones: 65 73 50 / 65 74 50.

Boletim de assinaturas — pág. 31

Tiragem média do mês de Novembro 27.125 exemplares

PORTE PAGO

Almada Negreiros, ao vivo

M.J. — Porque é que os do Orfeu eram considerados uns loucos?

S.A. — Tudo que vem de novo, encontra oposição. As pessoas não aceitam, não entendem. É incómodo.

M.J. — Incómodo ao ponto de baterem e de matarem se for preciso...

S.A. — Houve uma altura, de tal maneira eles eram considerados loucos desvairados, que se fez um inquérito a três pessoas altamente importantes sobre a possível loucura dos membros do Orfeu. Os três eram médicos: o Júlio de Matos que disse que a loucura e os Orfeus não tinham nada a ver um com os outros.

O Egas Moniz, que disse podiam ser mas que também podiam não ser.

E o Júlio Dantas que disse que eles não só eram loucos, mas que eram loucos perigosos, de encerrar.

À noite eles reuniam-se sempre todos no Martinho e o José leva um rolinho na mão. Era o Manifesto Anti-Dantas.

Começa a ler de pé no chão, depois subiu para o banco e acabou de o ler em cima da mesa. As risadas, as palmas, de todo o grupo eram tais que pareciam mesmo malucos e as pessoas que estavam sentadas no café, foram saindo discretamente.

O Pacheco (*1*) pega no manuscrito que andava por ali e já ninguém sabia onde parava, leva-o a uma tipografia para imprimir uns tantos.

Por pouca sorte, o Dantas além de ser médico da GNR, tinha uns negócios e um deles era uma tipografia ou livraria onde por azar foi mandado imprimir o Anti-Dantas.

Alguém o avisou e quando ele soube daquilo comprou a edição inteira, por isso é que escaparam tão poucos.

Mas, ainda escapou o suficiente para que o Dantas, que também era director do Conservatório, quando passava pelo Bairro Alto onde toda a gente o conhecia, ser mimoseado com o «morra Dantas pim, morra Dantas pum».

Mais tarde, o Manso, director do «Diário de Lisboa», fez uma espécie de partida. Reuniu os dois no escritório dele para ver se faziam as pazes! Coisa tão parva, porque o José quando escreveu aquilo não foi só para o Dantas, foi para todos os Dantas.

Então o Dantas quando viu entrar o José ficou assim com um ar de expectativa e o José virou-se para ele e disse: se eu soubesse que V. Ex.ª estava aqui, não tinha entrado. E saiu.

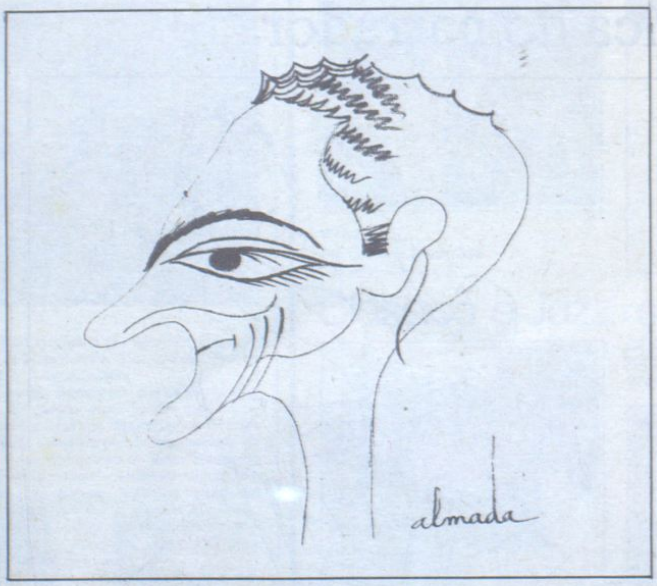
M.J. — O que eu tenho estado a pensar é que se o Orfeu aparecesse agora toda a gente ia reagir de outra maneira, não acha?

S.A. — Lisboa naquela altura era muito atrasada. Ainda ontem a propósito da nossa conversa sobre a vida de praia, no meu tempo era uma chatice, os preconceitos que havia; as mães não deixavam ir as filhas sozinhas para a praia. Os piqueniques, os passeios, as mamãs iam sempre. Era uma coisa terrível!

E eu já era mais velha, já tinha estado em Paris, achava as mães umas estúpidas, a darem opiniões parvas, e a conversa delas ainda era mais indecente que qualquer outra conversa; era dizer mal das amigas e dos maridos das amigas. A conversa delas era só aquilo e julgavam-se muito morais!

Era uma vida estúpida em Portugal, ele ainda é, mas ser rapariga no meu tempo era bastante difícil.

Eu era um bocado ave rara, não era namoradeira, nem coquette e tive sorte porque os meus companheiros eram muito meus amigos, e admiravam-me, achavam que eu tinha qualidades e só eles é que me encorajavam a trabalhar, não foi o público. E quadros que depois de 50 anos ainda se vêem, revelam algum valor. O quadro que é mau vê-se logo, mas então



Um auto-retrato inédito de Almada, desenhado numa folha de um livro oferecido a um amigo

ao fim de 10 anos não presta mesmo para nada. E os meus ganharam com o tempo, naquela altura ninguém pintava assim. E nunca ganhei nada com isso. Nunca tive uma encomenda, nunca vendi um quadro e precisava bem de dinheiro!

M.J. — Aquele Paris «nós três somos de Paris» (*2*), como dizia o Sá Carneiro, esse Paris já não existe...

S.A. — Paris naquela altura era o centro do mundo, da Europa, ali ia toda a gente.

Eu acho que os franceses individualmente são antipáticos mas colectivamente são admiráveis, e quem tem valor pode ser chinês ou mesmo alemão, eles consideram. Os franceses sabem admirar, colocar as pessoas no lugar que merecem.

M.J. — Os portugueses são o contrário dos franceses. Individualmente são bons. Colectivamente são maus.

S.A. — E o português tem tanta qualidade! Eles não sabem é que a têm. Os portugueses que vão correr mundo que ninguém conhecia viam, e ficavam satisfeitos, vinham-se embora e nunca mais pensavam no assunto. Não aproveitavam a grandeza que eles tinham!

Um português foi chamar o rei, D. João VI, dar-lhe a notícia que os franceses se tinham ido embora. Meteu-se num bote, num barquinho à vela, sozinho e lá foi até ao Brasil!

Mas colectivamente, os portugueses são fracos. Porque é que acabaram os políticos e os partidos na República?

A prisão dos Delaunays e de Viana

M.J. — Os Delaunays estiveram cá por altura de 1914-15, não foi?

S.A. — Parece-me que vieram em 15. O Delaunay estava isento da tropa, acho que em caso de guerra são chamados na mesma, mas ele saiu de França e veio para cá, com o Amadeu. Foram viver para Vila do Conde.

O José sem querer tramou-lhes a vida e eles tiveram que fugir para Espanha. Isto porque o Amadeu gostava muito do conto K4, eu não gosto, já é uma coisa muito guerra e K4 parecia mesmo uma sigla misteriosa. O Amadeu gostava muito do K4, eu não gosto, já é uam coisa muito futurista, gosto é da Engomadeira. Mas então o Amadeu disse ao José «olha eu conheço um tipógrafo no Porto, que te faz isto muito barato». E levou o manuscrito e nunca mais disse nada e o José que era um impaciente, manda-lhe um telegrama «Dá notícias K4 quadrado azul»

Ao Almada não disseram nada, não sei porquê, mas ao Amadeu foram perguntar o que era aquilo e depois todo o grupo foi interrogado. O Viana esteve preso 15 dias na enxovia. Como não tinha dinheiro para pagar uns quartos na polícia, foi para onde vão todos, isso é que é a enxovia. Ficou lá até que um dia se encheu de raiva, estava o juiz ou o polícia lá no gabinete a fazer-lhe perguntas e ele agarrou-se assim à mesa e com a cara dele encostada à do homem: «Você acha justo o que me estão a fazer?! Se você tivesse um filho, se o visse aí, deixava-o ficar!?» E então deixaram-no ir embora.

M.J. — Mas esteve preso por causa do K4!?

S.A. — Pois, porque as explicações que ele dava não os convencia. E os Delaunays também estiveram presos. Foram eles e o Viana. O Amadeu como era de gente conhecida do Porto, deixaram-no ficar à solta. E o Viana contava até com muita graça, que a Sonia Delaunay, que era uma rapariga nova e interessante, fazia assim corpo a encostar-se aos polícias para tapar o marido. Estavam cheios de medo, de tal maneira que no minuto que os soltaram, foram direitos para Vigo. Depois ainda vieram a Valença para buscar as coisas que tinham deixado, mas sempre com um pé na fronteira.

M.J. — Mas depois ficou tudo esclarecido?

S.A. — Depois, o Amadeu lá os convenceu que não eram espiões de guerra.

M.J. — Mas porque é que o Viana ficou tempo preso?

S.A. — O Viana começou a barafustar e ficou preso até acalmar. E os Delaunays foram-se embora fizeram muita falta ao Amadeu.

M.J. — E o Santa-Rita não esteve metido nessa trapalhada?

S.A. — O Santa-Rita já tinha morrido. O Amadeu morreu mais tarde, mas ainda no mesmo ano. Morreram os dois zangadíssimos um com o outro, por causa das intrigas do Viana, que achava graça em armar aqueles sarilhos, ria-se muito!

M.J. — O Santa-Rita morreu com quê?

S.A. — Morreu com aquelas doenças que os homens tinham. Era um tempo também difícil para eles. Para já não conviviam com as raparigas do meio deles, essas eram só para bailes ou para arranjarem namoro para casar. Mas para casar era preciso ter dinheiro ou ter emprego. E eles eram novos, poetas e não se queriam prender...

Judite, Nome de Guerra

M.J. — Como é que o romance «Judite Nome de Guerra» é escrito em 25 e só em 38 é que é publicado?!

S.A. — Porque o José se esqueceu dele.

Quando foi para Espanha, meteu tudo que gostava numa caixa de chapéus e deu ao irmão para guardar. Ele nessa altura vivia num quartel que há em Alcântara. Cada oficial tinha lá um quarto.

Entretanto o José esteve em Espanha, veio de Espanha e ainda passou mais dum ano, porque o Zé já era nascido, quando o António teve que sair do quartel, porque precisaram dos quartos dos oficiais.

Na mudança, apareceu a caixa. Já nem ele nem o José se lembravam.

Abrimos a caixa e havia desenhos, algumas páginas do K4, o manuscrito da Cena do Ódio e a Judite.

Começou a ler e à noite foi lá o Gaspar Simões que vivia aqui ao lado e que vinha cá muitas vezes e o José disse-lhe «olhe o que eu encontrei, uma coisa que apareceu e eu já não me lembrava». Era a Judite — «ainda bem que apareceu, não há nenhum romance seu e fazia falta». E daí a uns dias veio dizer que tinha um contrato com uma editorial que queria publicar literatura moderna e que se tinha lembrado de publicar em n.º 1 a Judite Nome de Guerra.

Numa semana ficou esgotado. Tantos rapazes que bateram à porta a saber se nós tínhamos possibilidades de lhes arranjar o livro. E um dia recebemos uma carta linda dum brasileiro, que não sabia como havia de agradecer a alegria que teve de ler o livro! Que tinha entrado numa loja daquelas que há no sertão e que vendem de tudo «e que estava o seu romance já tão amachucado que o homem até mo deu». Era uma carta linda.

M.J. — A Judite devia ser dada nos liceus e ser bem explicada, porque tem muitos ensinamentos importantes da vida.

S.A. — A educação dum jovem naquela época era assim. Para fazer dele um homem era entregá-lo a um malandro, a um homem que nunca tivesse feito nada, isso é que era a iniciação dos jovens. Era ensinar-lhes a vida e levá-los para o meio das prostitutas.

M.J. — Claro que não é um romance autobiográfico, mas o personagem tem alguma coisa a ver com o Mestre Almada?

S.A. — Aquela história não tem nada a ver com o José, mas o personagem duma certa forma é o Almada. O respeito que ele tinha pela mulher. O facto da mulher fácil estar à sua mercê e ele respeitá-la, como se ela não fosse uma mulher da vida. Isso era o carácter dele.

M.J. — Era o antimachismo muito antes do tempo. Mas a Judite existiu mesmo, porque há aí uns desenhos com a cara dela.

S.A. — Aquilo foi uma época dum clube chamado Bristol. O dono era amigo do José e de outros artistas. era uma casa alugada, a cozinha foi transformada em roleta, havia restaurante, bilhar. Bebiam, jogavam e havia lá uma data de Judites. ■

(*1*) José Pacheco, um dos companheiros do Orfeu.

(2) Almada, Sá Carneiro, e Pacheco.